



## O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO-OUTRO NO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DE SUJEITOS GORDOS

Virginia Lucena Caetano<sup>1</sup>

Vivemos um período de grande valorização da imagem corporal. Somos expostos, diariamente, a imagens de corpos rotulados como “perfeitos”. Esse padrão inalcançável imposto pela indústria e repetido à exaustão nas mídias em geral tem levado os sujeitos a buscar todo tipo de produto ou prática de modificação corporal que possibilite uma aproximação a esse padrão instituído.

Nessa perspectiva, Le Breton (2012) desenvolve a teoria da promoção do corpo a alter ego: o corpo passa a desempenhar o papel principal na relação do sujeito com o mundo, é transmutado em substituto do sujeito. Segundo ele, “busca-se uma sociabilidade ausente, abrindo em si uma espécie de espaço dialógico que assimila o corpo à possessão de um objeto familiar, ou o alça à posição de parceiro” (LE BRETON, 2012, p. 249). Este corpo dissociado torna-se, no imaginário atual, o meio pelo qual é possível transformar o sujeito imaterial. O corpo passa a ser cuidado, mimado, explorado como território a conquistar, objeto de todas as atenções e investimentos. Cuidar bem do corpo passa a ser sinônimo de cuidar bem de si. Podemos observar, assim, o esgarçamento dos limites da relação entre os sujeitos e seus corpos, já que, a partir do corpo, o sujeito obtém benefícios narcísicos e sociais. A relação com o corpo é atravessada por imaginários de felicidade, beleza e saúde, responsáveis por nutrir a obsessão atual pela “forma corporal perfeita”.

Essa forma de relação com o corpo é incentivada, especialmente nas mídias, porque movimenta toda uma indústria – produtos, serviços, práticas, informação – que lucra com a insatisfação dos sujeitos em relação aos seus corpos. A observação do processo de mercantilização da relação dos sujeitos com seus corpos na formação social capitalista nos leva a perguntar: quais os efeitos da “ditadura do corpo perfeito” no processo de subjetivação de sujeitos cujos corpos estão à margem desse padrão, como os sujeitos gordos? Na busca de compreender esse funcionamento discursivo, nos ancoramos na Análise de Discurso Materialista. Para tanto, elegemos como objeto de estudo um conjunto de relatos do projeto Não tem Cabimento, no qual são reunidos, em um perfil da rede social Tumblr, depoimentos de sujeitos que relatam situações de gordofobia pelas quais passaram durante a vida.

A leitura do referido arquivo foi orientada pelos critérios teórico-metodológicos propostos por Ernst (2009), os quais se apoiam em três conceitos-chave: a *falta*, o *excesso* e o *estranhamento*. A autora chegou a esses três conceitos através de um processo de pesquisa dos critérios utilizados por analistas em seu processo de observação da materialidade em análise. É importante destacar que esses conceitos não foram tomados como dispositivos técnicos formais; ao contrário, eles funcionaram como princípios gerais para a identificação de elementos a partir dos quais foram desenvolvidos os procedimentos de análise.

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas.

No processo de leitura e recorte do arquivo, observamos a presença de um excesso de discurso-outro, nos relatos lidos, que se linearizava pelo uso da negação e do discurso relatado. Compreendemos, aqui, discurso relatado como “modo de apreensão da fala do outro” (INDURSKY, 2013, p. 241) e a negação como “um dos processos de internalização de enunciados oriundos de outro discurso” (INDURSKY, 2013, p. 261). Partindo da observação dessas marcas linguísticas, percebemos que o discurso do sujeito gordo era marcado por uma tentativa de tentar ressignificar o discurso do outro sobre si e sobre seu corpo. Tendo como critério a presença das marcas linguísticas mencionadas, na pesquisa que deu origem ao presente artigo, foram recortadas oito sequências discursivas para análise. Vamos apresentar, aqui, algumas considerações com base em duas dessas sequências<sup>2</sup>.

(SDR01) *De uma coisa tenho certeza, sou muito mais saudável que muita gente magra e com certeza **ser gordo não é sinônimo de não ter saúde**, as pessoas confundem muito isso.*

(SDR02) Poxa, eu sou gorda sim, **sou linda sim**, sou poderosa sim e me amo assim mesmo GORDA...

Começamos nossas considerações pelo processo de configuração das formações discursivas (FD) que sustentam a análise desenvolvida. As FD foram organizadas a partir de duas negações recorrentes identificadas nos relatos analisados: *não sou feio* e *não sou doente*. Essas negações apontam para duas evidências colocadas em circulação pelo discurso-outro. A partir de cada uma dessas evidências foi configurada uma formação discursiva<sup>3</sup>.

A primeira diz respeito a questões estéticas sobre o corpo e está diretamente ligada ao discurso capitalista de culto ao corpo perfeito. Nesse sentido, o corpo é tomado como um objeto a ser moldado pelo sujeito que é interpelado a sentir-se sempre insatisfeito com sua forma corporal e estar sempre em busca de alcançar um ideal imaginário de corpo produzido e disseminado pelas mídias. Essa interpelação se dá pelo que denominamos como *FD do corpo perfeito*. A referida FD reúne saberes vinculados a uma visão estética do corpo que, ao estipular o magro como padrão, marginaliza o corpo gordo, produzindo a evidência de que o corpo gordo é feio e, portanto, deve ser modificado, escondido, negado. Consideramos que, no processo de disputa de sentidos sobre o corpo, esta FD sustenta-se como dominante, uma vez que coloca em circulação que fomentam uma relação mercantil entre os sujeitos e seus corpos, característica da ideologia capitalista.

Já a segunda evidência, de que o corpo gordo é doente, aponta para uma concepção de corpo como organismo biológico que possui regras próprias de funcionamento e pode/deve sofrer intervenções cirúrgicas e farmacológicas para potencialização de suas funções. Esses saberes são colocados em circulação pelo que designamos como FD da saúde. Essa FD reúne saberes de ordem científica sobre o corpo e considera o excesso de gordura corporal como uma patologia, que deve ser tratada e eliminada.

Podemos observar, em SDR01 e SDR02, que o processo de subjetivação do sujeito gordo se dá atravessado por uma negação: o sujeito é aquilo que ele não é. Ao contrário de sujeitos que se autoidentificariam com o padrão de corpo determinado ideologicamente, o sujeito gordo precisa se

---

<sup>2</sup> A análise aqui apresentada é uma síntese das reflexões desenvolvidas na dissertação intitulada “*Não tem Cabimento: corpo e subjetividade no discurso de sujeitos gordos*” (CAETANO, 2019), orientada pelo Profa. Dra. Luciana Iost Vinhas e desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPel.

<sup>3</sup> É importante destacar e o processo de configuração das FD não foi realizado antes do recorte e análise das sequências discursivas. As FD, como parte do dispositivo analítico, foram sendo organizadas e reconfiguradas ao longo da análise, em um processo espiral entre teoria e materialidade em análise.

subjetivar pelo avesso da evidência. Ao não conseguir fazê-lo, marca linguisticamente esse impossível através do uso da negação, *ser gordo não é sinônimo de não ter saúde*, e da dupla afirmação, *sou linda sim*, que também aponta para uma operação discursiva de negação: é preciso afirmar duplamente porque, a partir de um outro lugar na disputa pelos sentidos, é colocada em circulação uma versão antagônica do que está sendo linearizado.

Assim, a posição-sujeito assumida pelo sujeito gordo é demarcada pela negação do discurso-outro, isto é, o sujeito gordo, ao se subjetivar, o faz negando as evidências sobre o corpo gordo reguladas pela forma-sujeito da FD dominante: o corpo gordo é feio, o corpo gordo é doente e demais sentidos que derivam dessas duas evidências estruturais. Com base nisso, propomos considerar o excesso de discurso-outro como um sintoma da falta de o sujeito gordo reconhecer para si um lugar de enunciação. Nossa reflexão se sustenta na noção de lugar enunciativo proposta por Zoppi-Fontana (1999, 2017).

Através do conceito de lugar enunciativo, Zoppi-Fontana (1999, p.16) busca refletir sobre uma dupla problemática: “a divisão social do direito de enunciar e a eficácia dessa divisão e da linguagem em termos da produção de efeitos de legitimidade, verdade, credibilidade, autoria, circulação, identificação, na sociedade”.

Os lugares de enunciação, tanto pela presença quanto pela ausência, configuram um modo de dizer afetados, diretamente, pelos processos históricos de silenciamento. Nesse caso, tais modos de dizer mobilizam o imaginário de um eu ou de um nós do qual a representação social retira a legitimidade e a força performativa da enunciação. É a partir desses “lugares enunciativos e, portanto, do processo de constituição do sujeito do discurso, que se instauram as demandas políticas por reconhecimento e as práticas discursivas de resistência” (ZOPPI-FONTANA, 2017, p. 67).

Se pensarmos nos discursos sobre o corpo gordo, o lugar enunciativo que produz um efeito de verdade e credibilidade é o lugar assumido, em geral, pelos profissionais da saúde, tanto no espaço médico-clínico quanto no espaço midiático. A ciência médica configura um modo de dizer, afetado por processos históricos, que legitima sentidos sobre o corpo gordo – como um corpo doente, que precisa ser tratado, medicado, modificado – que alimentam um imaginário negativo em relação a essa configuração corporal.

O discurso médico, como discutimos ao longo do trabalho, a partir do seu lugar legitimado, impõe definições de normalidade, que produzem evidências consideradas socialmente como verdades hegemônicas. Ao impor regras sobre os corpos e transformar tudo o que foge à norma em patológico, o discurso médico-clínico age como uma ferramenta de controle social. Assim, a medicina comanda e exerce domínio sobre a vida das pessoas por meio do consumo de medicamentos, técnicas e terapias legitimados por um racionalismo científico.

Temos, ainda, o trabalho da mídia na disseminação de imaginários negativos sobre o corpo gordo. Apoiada no discurso médico-clínico do padrão de corpo saudável, a mídia constrói e apresenta à sociedade um ideal de corpo perfeito a ser seguido, ideal esse que promove um processo de mercantilização da relação dos sujeitos com seus corpos. Nesse contexto, o sujeito gordo é negado e silenciado. Nas poucas vezes em que a mídia coloca em circulação alguma representação do corpo gordo, é sob o estereótipo do “gordo cômico”, que compensa o fato de ter um corpo fora do padrão sendo “bem humorado”, ou para efeito

de contraste ao corpo magro em peças publicitárias nas quais, em geral, o corpo gordo assume o lugar do mau exemplo, do feio, do deforme, que precisa ser modificado com urgência.

Diferente de outras lutas sociais como a luta contra o racismo e a homofobia, nas quais há um lugar enunciativo assumido pelos sujeitos que são alvos desses preconceitos dando força aos sentidos mobilizados e produzindo efeitos de legitimidade a seus discursos, no caso da luta contra a gordofobia não há o reconhecimento de um lugar enunciativo assumido pelo sujeito gordo que legitime sua fala. Na disputa política pelos sentidos, o discurso médico e midiático sobre o corpo gordo é dominante, legitimando uma imagem do sujeito gordo como feio, doente, incapaz, etc., e, assim, deslegitimando qualquer discurso que parta desse sujeito e que questione essas evidências.

Já que o discurso dominante sobre o corpo gordo é o discurso do outro, o sujeito, na forma como se subjetiva, não consegue encontrar um lugar de identificação, e acaba se determinando a partir da imagem que o outro constrói sobre si. A retomada excessiva de discursos de outros sujeitos – através de discurso relatado – e a incorporação de enunciados que definem o que o sujeito não é – através de operações discursivas de negação – são marcas, na materialidade linguística, desse excesso de discurso-outro no processo de subjetivação do sujeito gordo.

O sujeito se reconhece como gordo e se subjetiva a partir dos sentidos produzidos pela FD dominante. O efeito produzido pela negação e silenciamento do corpo gordo é de que esse corpo não é permitido na formação social atual. Essa impossibilidade de ter um corpo gordo na formação social marca, então, uma impossibilidade subjetiva: há algo que o sujeito não pode ser, com o qual o sujeito não pode e não deve se identificar. Essa impossibilidade, ao mesmo tempo em que constitui o sujeito o determinando, marca, também, a impossibilidade de ele ser o que “deveria” ser, pois o corpo não o permite. Ao ser o corpo e ter um corpo, não se pode ser o que a determinação ideológica dominante prevê. Enquanto a identificação o convoca ao dominante, o corpo o convoca ao dominado no jogo de forças da interpelação ideológica. Nessa contradição, o sujeito não encontra lugar de enunciação, o que amarra sua estrutura subjetiva à determinação dominante. Por outro lado, é por não encontrar para si um lugar de enunciação que o sujeito resiste em se desidentificar. Assim, passa a se subjetivar pelo avesso da formação discursiva do corpo perfeito.

## REFERÊNCIAS

- CAETANO, V. B. L. **Não Tem Cabimento**: corpo e subjetividade no discurso de sujeitos gordos. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.
- ERNST, A. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. *In*: SEAD, 4., 2009, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- INDURSKY, F. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- PÊCHEUX, M. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. *In*: PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. Traduzido por Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- ZOPPI-FONTANA, M. Lugares de enunciação e discurso. **Leitura**: Análise do Discurso – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Maceió, v. 23, p.15-24, jan./jun. 1999.

ZOPPI-FONTANA, M. "Lugar de fala": Enunciação, Subjetivação, Resistência. *In: Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13 Women's Worlds Congress*. Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/79457/46458>. Acesso em: 10 jan. 2022.